

Recensão

PEREIRA, Luís Moniz; LOPES; António (2020), *Máquinas Éticas. Da Moral da Máquina à Máquina Moral*, Caparica, NOVA.FCT Editorial.

Ana Cláudia Albergaria

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O livro , de Luís Moniz Pereira¹ e de António Lopes², incide sobre os Impactos Sociais da Inteligência Artificial (IA) a partir da desconstrução do conceito de “Moral” e de outros correlacionados. A obra está organizada em quatro áreas: “Inteligência Artificial e Autonomia das Máquinas” (Capítulos 2 a 4); “Impactes Sociais da IA” (Capítulos 5 a 10); “Especificidades da Moral Computacional” (Capítulos 11 a 17) e “O Futuro da IA / Desafios Estruturais da Revolução Digital” (Capítulos 18 a 21). Apesar do número elevado de capítulos, possui 218 páginas e não impõe uma leitura linear, podendo o leitor decidir o percurso a fazer em função das suas prioridades, nomeadamente, a partir da leitura dos resumos que antecedem os capítulos.

O texto desenvolve-se em torno de perguntas, elaboradas com base no que os autores consideram ser as dúvidas e dilemas sobre IA, partilhados por um público mais vasto. As respostas assentam num diálogo interdisciplinar, entre as Ciências da Computação (conhecimento técnico em IA) e a Filosofia, tendo como base os contributos principais das investigações mais recentes de Luís Morais Pereira na área da “Moral Computacional” , articulados com a reflexão filosófica e o enquadramento histórico de António Lopes; o que torna este livro imperioso para a inauguração de novas vias de abordagem sobre a relação entre o Homem e a Máquina, criando

¹ Luís Moniz Pereira é Professor Emérito de Ciência da Computação na U. Nova de Lisboa/Portugal; Recebeu a Medalha Nacional de Mérito Científico (2019). Doutor Honoris Causa pela Universidade Técnica de Dresden (2006). Eleito Fellow da Associação Europeia de Inteligência Artificial (EurAI)/2001. Presidente fundador da Associação Portuguesa para a Inteligência Artificial (APPIA)/1984.

² António Lopes é Mestre em Filosofia / U. Nova de Lisboa. Docente de Filosofia. Requisitado pela ANQEP- Agência nacional para a Qualificação e Ensino Profissional. Colaborou na obra: A Máquina Iluminada – Cognição e Computação, de Luís Moniz Pereira.

pontes com outras áreas do conhecimento, nomeadamente as ciências sociais, através de uma linguagem, intencionalmente, clara, sem comprometer, contudo, o rigor e a pertinência científica.

Os autores abordam a Inteligência Artificial e a Autonomia das Máquinas (Capítulos 2 a 4) partindo de uma perspectiva evolucionista (transversal a toda a obra), exemplificando como o Homem temeu, desde sempre, o domínio das máquinas sobre a humanidade e revelando os contornos únicos da Revolução Cognitiva atual, resultante do desenvolvimento da IA; através da problematização das novas competências que as máquinas reclamam para si e que eram exclusivas do ser humano. Trazem para a reflexão os dilemas de desenho e de conceptualização da IA, abordando os problemas de ordem económica e social daí decorrentes. Somos confrontados com a necessidade de refletirmos sobre a sociedade que queremos e sobre como programar as máquinas, para a tomada de decisões, com base em princípios morais partilhados com os humanos, que com elas viverão em simbiose. Segundo os autores, a moral é evolutiva e computacional, pelo que teremos de saber programar a moral e saber legislar sobre as máquinas morais, porque “(...) há vários tipos de autonomia das máquinas, mas as nossas leis são feitas para seres humanos, que pressupomos terem uma certa autonomia-tipo-base, a não ser que estejam doentes ou mentalmente incapacitados. Quando se fizer legislação com respeito às máquinas, teremos que começar por definir e usar conceitos novos, sem os quais será impossível fazer leis, pois estas têm sempre que apelar aos conceitos de jurisprudência”. Pereira e Lopes (2020: 43).

Relativamente aos Impactes Sociais da IA, apresentam-se as dimensões de análise que devem ser tomadas em consideração, partindo da definição de “Agente Inteligente” e da distinção entre “Inteligência Artificial” e “Inteligência Natural”, assim como entre “Algoritmos Biológicos” codificados em ADN e “Algoritmos Maquiniais” codificados em zeros e uns. Problematizam a autonomia das máquinas e dos humanos por aproximação aos conceitos de “Algoritmo Genético” e de “Emergência”, convocando outros conceitos sugestivos dos impactos sociais, tais como: “Preconceitos Algorítmicos” e “Algorítmização Social, remetendo para: insegurança; direitos humanos e limites do conhecimento da IA.

As “Especificidades da Moral Computacional”, emergem da abordagem dos processos cognitivos e da decisão moral, com base nos conceitos de “Moral Evolucionaria” e de “Moral Social”, articulando-os com o surgimento de máquinas autónomas, para sugerirem que as questões de ética social e política devem ser pensadas lado a lado com a evolução científica e tecnológica. Deparamo-nos com a abordagem de temas como o impacto da IA no (des)emprego; a construção da identidade juvenil na era digital; delegação de decisões em máquinas e em *softwares*, que afetam liberdades, segurança e acesso a oportunidades. Os autores apresentam-nos propostas peculiares, tais como: a necessidade de programar as máquinas inteligentes para

PEREIRA, Luís Moniz; LOPES; António (2020), *Máquinas Éticas. Da Moral da Máquina à Máquina Moral*, Caparica, NOVA.FCT Editorial

ALBERGARIA, Ana Cláudia (2021), *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XLI, pp. 99-101

desenvolverem o sentimento de “culpa” e “pedirem desculpa”, o que consideram ser, além de possível, fundamental para o desenvolvimento de consciência ética; assim como a necessidade de exigirmos dessas máquinas o pagamento de impostos sobre o trabalho que venham a fazer e que seria realizado por humanos, de forma a contribuírem também para o estado-social (responsabilização dos agentes cognitivos/autónomos não humanos).

Termina com a abordagem do Futuro da IA e dos desafios estruturais da Revolução Digital, numa postura pouco otimista, enfatizando a necessidade de darmos a devida atenção às dimensões morais e éticas desta revolução, para evitarmos que os “donos” das máquinas não escravizem os restantes humanos; o que, em certo sentido, poderá estar já a acontecer. Contudo, reconhecem igualmente que o conhecimento permite evitar os perigos e que “De qualquer modo, é sempre com maior avanço tecnológico que se evita, querendo, o mau uso do progresso tecnológico” Pereira *et al* (2020: 111).

As principais teses que Luís Moniz Pereira foi defendendo ao longo da sua carreira, são apresentadas de forma inovadora, clara e aprazível, pese embora algumas redundâncias, fundamentadas pela opção de não linearidade (assumidas pelos próprios autores no prólogo da obra). Tratando-se predominantemente de um campo científico tendencialmente hermético, sobre o qual é urgente a disseminação de conhecimento, nomeadamente para o reforço do olhar interdisciplinar e para o desenvolvimento de uma consciência coletiva crítica sobre os impactos sociais da IA, consideramos ser uma obra atual de referência, cumprindo os requisitos de interesse científico e social.

Ana Cláudia Albergaria. Investigadora integrada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Doutoranda em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseira de Investigação Científica pela FCT. Endereço de correspondência: Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, |Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto (Portugal). Email: up199402340@edu.letras.up.pt